



PROJETO DE PESQUISA

Anglo-americanismo: intelectuais, narrativas e apropriações na EPT brasileira

PROF. DR. JOSÉ GERALDO PEDROSA

Área de concentração
Educação Profissional e Tecnológica

Linha de Pesquisa
História e Historiografia da Educação Profissional



PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO
**EDUCAÇÃO
TECNOLÓGICA**
CEFET-MG

Anglo-americanismo: intelectuais, narrativas e apropriações na EPT brasileira

- **Área de concentração:** Educação Profissional e Tecnológica
- **Linha de Pesquisa:** História e Historiografia da Educação Profissional no Brasil
- **Coordenador:** Prof. Dr. José Geraldo Pedrosa
- **Vigência:** 2021 – atual

VISÃO GERAL E ARTICULAÇÃO DO PROJETO COMO PPGET

Esse projeto de pesquisas tem foco na história na educação profissional no Brasil, em especial nos processos que decorrem da industrialização da economia brasileira e no protagonismo que passa a ser desempenhado pelo ensino industrial nas décadas intermediárias do século XX.

No sentido aqui adotado as expressões anglo-americanidade e anglo-americanismo são referências à afirmação e expansão dos Estados Unidos da América-EUA como referência civilizatória e suas repercussões no capitalismo globalizado. Essa afirmação dos EUA é um acontecimento inédito e tem desdobramentos múltiplos: na economia, na sociedade, na cultura ou na educação.

A noção de anglo-americanismo, em especial, é referente à circulação ou à difusão de valores, ideias, práticas ou outros componentes da civilização anglo-americana no Brasil. O assunto é objeto de estudo de autores brasileiros, tanto clássicos quanto contemporâneos. Entre os clássicos um representante é Sérgio Buarque de Hollanda, que, em 1941 publicou “Cobra de Vidro”, livro que contém um artigo jornalístico intitulado “Considerações sobre o Americanismo”. Entre os contemporâneos um autor importante é Roberto da Matta que publicou, no livro “Carnavais, malandros e heróis”, um ensaio intitulado “Você sabe com quem está falando?”. Nesse ensaio da Matta faz comparações culturais entre EUA e Brasil. Entre os autores brasileiros contemporâneos que têm se dedicado ao estudo dessa americanização do Brasil está também Warde, que já publicou vários artigos sendo um deles “Americanismo e educação: um ensaio no espelho”. Nesse artigo Warde demonstra como, ao longo do século XX, os EUA figuram no imaginário das elites brasileiras como a terra prometida ou como referência bem sucedida. Oliveira publicou o livro “Os americanos: representações da identidade nacional no Brasil e nos EUA”. Tota publicou o livro “Os americanos” e Mignot e Gondra (2007) organizaram uma coletânea com textos de diversos autores no livro “Viagens pedagógicas”.

O italiano Antonio Gramsci (2001) interpretou a anglo-americanidade como uma renovação da capacidade reprodutiva do sistema produtor de mercadorias e, nesse sentido, é inseparável do fordismo. O fordismo visto por Gramsci é mais que um *modus operandi* da fábrica, é um *modus vivendi*, a plena integração entre homem e máquina. Para ele, o industrialismo é europeu, mas em território americano se associa à massificação do consumo e isso tem consequências: a sociedade torna-se uma imensa engrenagem de produção e de consumo visando ao lucro. É nesse sentido que o homem se integra à máquina: ambos são peças de uma força produtiva na qual homens e máquinas formam um todo orgânico. O fordismo não é somente um *modus operandi* da produção ou circunscrito ao chão das fábricas. É um estilo de vida, uma expressão da modernidade apropriada pelo capital. É um fenômeno que requer mudanças profundas em relação à cultura europeia e isso demarca a diferença entre modernidade e americanidade.

No Brasil, segundo Warde, aos poucos, os Estados Unidos passaram a figurar no imaginário das elites como a terra prometida, isenta das mazelas da Europa envelhecida e cheia de conflitos. No Brasil, a presença anglo-americana na política e na educação vem desde o final do século XIX e intensifica-se ao longo de todo o século XX com base em movimentos simultaneamente centrípetos e centrífugos.

Entre os primeiros brasileiros a buscarem inspiração na anglo-americanidade, ainda no século XIX, estão Rui Barbosa, Maria Guilhermina Loureiro e Antônio Augusto de Oliveira. Barbosa foi em busca de modelo para a Constituição republicana de 1889 e Loureiro e Oliveira foram em busca de modelos pedagógicos. Na primeira metade do século XX entre os viajantes mais ilustres estavam Anísio Teixeira, Monteiro Lobato, Lourenço Filho, Roberto Simonsen, Américo Giannetti e Viana Moog. Teixeira foi conhecer Dewey e sua filosofia da educação; Lobato foi como adido comercial; Lourenço Filho foi conhecer escolas e a psicologia da educação; Simonsen foi ver de perto a administração científica da produção e do trabalho, ou seja, o taylorismo; Giannetti foi aprender a fabricar alumínio; e Moog foi para fazer pesquisa social *stricto sensu*. Todos esses autores, na condição de intelectuais mediadores, fizeram circular no Brasil ideias e práticas de origem anglo-americana.

A presença da anglo-americanidade no Brasil por meio do movimento centrífugo ocorre desde o século XIX, mas de modo mais intenso e extenso foi a partir do século XX. Após a guerra civil de 1865, fazendeiros do sul dos EUA migraram para São Paulo e trouxeram dinheiro, cultura e técnicas agrícolas, entre as quais o arado. A cidade de nome Americana, em São Paulo, é expressão da presença de migrantes dos EUA em terras brasileiras. Mas foi nos anos 1930 e 1940, com o rádio, o cinema e, depois, com a televisão, que a indústria cultural anglo-americana espalhou novos padrões de comportamento entre as populações urbanas brasileiras.

Fato é que a partir de meados do século XX, Brasil e EUA intensificam suas relações políticas, econômicas e educacionais por meio de uma série de acordos bilaterais que resultam em circulação dos modelos anglo-americanos no Brasil. Essa aproximação aconteceu muito nos anos 1940, no contexto da Segunda Guerra e da criação do Fundo Monetário Internacional e do Banco Mundial. A declaração de apoio do Governo Vargas aos países aliados em 1942, o envio de *pracinhas* aos campos de batalha na Europa e a cessão do litoral brasileiro para a logística de guerra geraram dívidas e dividendos ao Brasil. Na economia, a industrialização brasileira foi acelerada em decorrência do aumento das exportações e da entrada de capitais, indústrias, técnicas e técnicos de origem anglo-americana. É dessa época a Companhia Siderúrgica Nacional (CSN), responsável pelo ciclo siderúrgico; a Fábrica Nacional de Motores (FNM); a Companhia Vale do Rio Doce (CVRD) e a Aços Especiais Itabira (Acesita), na zona metalúrgica de Minas Gerais. É nessa época também que a Coca Cola começou a instalar suas fábricas no Brasil, pelo sistema de franquias.

Marco emblemático da presença da anglo-americanidade na educação brasileira foi o acordo bilateral que resultou na criação da Comissão Brasileiro-Americana de Ensino Industrial (CBAI). Ensino industrial é essa modalidade de educação profissional que adquire formato de redes nacionais no Brasil em 1942. Uma dessas redes surge voltada para a formação de mão de obra: o Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial (Senai). Outra rede nasce voltada para a formação de cabeça de obra ou de técnicos para a indústria: as Escolas Técnicas Federais.

Nos anos 1940, a aceleração industrial exigia a formação, em grande escala e com agilidade, de um novo tipo de trabalhador e de consumidor; formação de um novo homem, urbano e apto à administração científica do trabalho e da produção. Foi para atender a essa demanda que o Brasil instituiu as duas referidas redes de ensino industrial para a formação de trabalhadores e de técnicos. A instituição dessas duas redes e a necessidade de formação de trabalhadores em grande escala levaram o Brasil a deparar-se com a demanda de formação de professores para o ensino industrial, ou seja, dos professores de cultura técnica ou dos professores de oficina. Para essa função, além do domínio prático do ofício a ser ensinado – do saber-fazer – era necessário saber ensinar e saber como o outro aprende. Ou seja, eram necessárias a didática e a psicologia do ensino industrial. O problema é que o Brasil não dispunha de professores com esse perfil e era preciso formá-los com agilidade. Mas o Brasil também não dispunha da *expertise* necessária à formação desses professores. Foi necessário buscar amparo em experiências internacionais e não seria na Europa totalitária que o Brasil se apoiaria. É dos EUA que veio tal aporte. Para isso, a CBAI criou a Biblioteca do Ensino Industrial, com livros de didática e psicologia,

entre outros, todos de origem anglo-americana. Além disso, foram realizadas várias viagens para intercâmbio entre professores do Brasil e dos EUA.

No Brasil, a superação do modelo agroexportador por outro modelo que tomou a indústria como carro-chefe da vida econômica e social foi também o resultado de cumulativa afirmação dos chamados industrialistas. Os industrialistas surgiram em São Paulo, em Minas Gerais e no Rio Grande do Sul, no final do século XIX e início do século XX, nos ambientes da Escola Politécnica de São Paulo, da Escola de Minas de Ouro Preto (Emop) e da Escola de Engenharia de Porto Alegre. Gradativamente os industrialistas se tornaram um movimento, passando a mobilizar e a expressar-se nos meios políticos.

A hipótese mais geral aqui adotada é que a afirmação do industrialismo e a constituição do novo ensino industrial no Brasil revelam uma presença dos EUA. Nesse período, enquanto a Europa se fechava com o totalitarismo nazifascista, os EUA afirmavam-se como referência de democracia liberal, de economia industrial e de incorporação das massas à produção e ao consumo.

Esse projeto de pesquisas tem foco na história na educação profissional no Brasil, em especial nos processos que decorrem da industrialização da economia brasileira e no protagonismo que passa a ser desempenhado pelo ensino industrial nas décadas intermediárias do século XX.

No sentido aqui adotado as expressões anglo-americanidade e anglo-americanismo são referências à afirmação e expansão dos Estados Unidos da América-EUA como referência civilizatória e suas repercussões no capitalismo globalizado. Essa afirmação dos EUA é um acontecimento inédito e tem desdobramentos múltiplos: na economia, na sociedade, na cultura ou na educação.

A noção de anglo-americanismo, em especial, é referente à circulação ou à difusão de valores, ideias, práticas ou outros componentes da civilização anglo-americana no Brasil. O assunto é objeto de estudo de autores brasileiros, tanto clássicos quanto contemporâneos. Entre os clássicos um representante é Sérgio Buarque de Hollanda, que, em 1941 publicou "Cobra de Vidro", livro que contém um artigo jornalístico intitulado "Considerações sobre o Americanismo". Entre os contemporâneos um autor importante é Roberto da Matta que publicou, no livro "Carnavais, malandros e heróis", um ensaio intitulado "Você sabe com quem está falando?". Nesse ensaio da Matta faz comparações culturais entre EUA e Brasil. Entre os autores brasileiros contemporâneos que têm se dedicado ao estudo dessa americanização do Brasil está também Warde, que já publicou vários artigos sendo um deles "Americanismo e educação: um ensaio no espelho". Nesse artigo Warde demonstra como, ao longo do século XX, os EUA figuram no imaginário das elites brasileiras como a terra prometida ou como referência bem sucedida. Oliveira publicou o livro "Os americanos: representações da identidade nacional no Brasil e nos EUA". Tota publicou o livro "Os americanos" e Mignot e Gondra (2007) organizaram uma coletânea com textos de diversos autores no livro "Viagens pedagógicas".

O italiano Antonio Gramsci (2001) interpretou a anglo-americanidade como uma renovação da capacidade reprodutiva do sistema produtor de mercadorias e, nesse sentido, é inseparável do fordismo. O fordismo visto por Gramsci é mais que um *modus operandi* da fábrica, é um *modus vivendi*, a plena integração entre homem e máquina. Para ele, o industrialismo é europeu, mas em território americano se associa à massificação do consumo e isso tem consequências: a sociedade torna-se uma imensa engrenagem de produção e de consumo visando ao lucro. É nesse sentido que o homem se integra à máquina: ambos são peças de uma força produtiva na qual homens e máquinas formam um todo orgânico. O fordismo não é somente um *modus operandi* da produção ou circunscrito ao chão das fábricas. É um estilo de vida, uma expressão da modernidade apropriada pelo capital. É um fenômeno que requer mudanças profundas em relação à cultura europeia e isso demarca a diferença entre modernidade e americanidade.

No Brasil, segundo Warde, aos poucos, os Estados Unidos passaram a figurar no imaginário das elites como a terra prometida, isenta das mazelas da Europa envelhecida e cheia de conflitos. No Brasil, a presença anglo-americana na política e na educação vem desde o final do século XIX e intensifica-se ao longo de todo o século XX com base em movimentos simultaneamente centrípetos e centrífugos.

Entre os primeiros brasileiros a buscarem inspiração na anglo-americanidade, ainda no século XIX, estão Rui Barbosa, Maria Guilhermina Loureiro e Antônio Augusto de Oliveira. Barbosa foi em busca de modelo para a Constituição republicana de 1889 e Loureiro e Oliveira foram em busca de modelos pedagógicos. Na primeira metade do século XX entre os viajantes mais ilustres estavam Anísio Teixeira, Monteiro Lobato, Lourenço Filho, Roberto Simonsen, Américo Giannetti e Viana Moog. Teixeira foi conhecer Dewey e sua filosofia da educação; Lobato foi como adido comercial; Lourenço Filho foi conhecer escolas e a psicologia da educação; Simonsen foi ver de perto a administração científica da produção e do trabalho, ou seja, o taylorismo; Giannetti foi aprender a fabricar alumínio; e Moog foi para fazer pesquisa social *stricto sensu*. Todos esses autores, na condição de intelectuais mediadores, fizeram circular no Brasil ideias e práticas de origem anglo-americana.

A presença da anglo-americanidade no Brasil por meio do movimento centrífugo ocorre desde o século XIX, mas de modo mais intenso e extenso foi a partir do século XX. Após a guerra civil de 1865, fazendeiros do sul dos EUA migraram para São Paulo e trouxeram dinheiro, cultura e técnicas agrícolas, entre as quais o arado. A cidade de nome Americana, em São Paulo, é expressão da presença de migrantes dos EUA em terras brasileiras. Mas foi nos anos 1930 e 1940, com o rádio, o cinema e, depois, com a televisão, que a indústria cultural anglo-americana espalhou novos padrões de comportamento entre as populações urbanas brasileiras.

Fato é que a partir de meados do século XX, Brasil e EUA intensificam suas relações políticas, econômicas e educacionais por meio de uma série de acordos bilaterais que resultam em circulação dos modelos anglo-americanos no Brasil. Essa aproximação aconteceu muito nos anos 1940, no contexto da Segunda Guerra e da criação do Fundo Monetário Internacional e do Banco Mundial. A declaração de apoio do Governo Vargas aos países aliados em 1942, o envio de *pracinhas* aos campos de batalha na Europa e a cessão do litoral brasileiro para a logística de guerra geraram dívidas e dividendos ao Brasil. Na economia, a industrialização brasileira foi acelerada em decorrência do aumento das exportações e da entrada de capitais, indústrias, técnicas e técnicos de origem anglo-americana. É dessa época a Companhia Siderúrgica Nacional (CSN), responsável pelo ciclo siderúrgico; a Fábrica Nacional de Motores (FNM); a Companhia Vale do Rio Doce (CVRD) e a Aços Especiais Itabira (Acesita), na zona metalúrgica de Minas Gerais. É nessa época também que a Coca Cola começou a instalar suas fábricas no Brasil, pelo sistema de franquias.

Marco emblemático da presença da anglo-americanidade na educação brasileira foi o acordo bilateral que resultou na criação da Comissão Brasileiro-Americana de Ensino Industrial (CBAI). Ensino industrial é essa modalidade de educação profissional que adquire formato de redes nacionais no Brasil em 1942. Uma dessas redes surge voltada para a formação de mão de obra: o Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial (Senai). Outra rede nasce voltada para a formação de cabeça de obra ou de técnicos para a indústria: as Escolas Técnicas Federais.

Nos anos 1940, a aceleração industrial exigia a formação, em grande escala e com agilidade, de um novo tipo de trabalhador e de consumidor; formação de um novo homem, urbano e apto à administração científica do trabalho e da produção. Foi para atender a essa demanda que o Brasil instituiu as duas referidas redes de ensino industrial para a formação de trabalhadores e de técnicos. A instituição dessas duas redes e a necessidade de formação de trabalhadores em grande escala levaram o Brasil a deparar-se com a demanda de formação de professores para o ensino industrial, ou seja, dos professores de cultura técnica ou dos professores de oficina. Para essa função, além do domínio prático do ofício a ser ensinado – do saber-fazer – era necessário saber ensinar e saber como o outro aprende. Ou seja, eram necessárias a didática e a psicologia do ensino industrial. O problema é que o Brasil não dispunha de professores com esse perfil e era preciso formá-los com agilidade. Mas o Brasil também não dispunha da *expertise* necessária à formação desses professores. Foi necessário buscar amparo em experiências internacionais e não seria na Europa totalitária que o Brasil se apoiaria. É dos EUA que veio tal aporte. Para isso, a CBAI criou a Biblioteca do Ensino Industrial, com livros de didática e psicologia,

entre outros, todos de origem anglo-americana. Além disso, foram realizadas várias viagens para intercâmbio entre professores do Brasil e dos EUA.

No Brasil, a superação do modelo agroexportador por outro modelo que tomou a indústria como carro-chefe da vida econômica e social foi também o resultado de cumulativa afirmação dos chamados industrialistas. Os industrialistas surgiram em São Paulo, em Minas Gerais e no Rio Grande do Sul, no final do século XIX e início do século XX, nos ambientes da Escola Politécnica de São Paulo, da Escola de Minas de Ouro Preto (Emop) e da Escola de Engenharia de Porto Alegre. Gradativamente os industrialistas se tornaram um movimento, passando a mobilizar e a expressar-se nos meios políticos.

A hipótese mais geral aqui adotada é que a afirmação do industrialismo e a constituição do novo ensino industrial no Brasil revelam uma presença dos EUA. Nesse período, enquanto a Europa se fechava com o totalitarismo nazifascista, os EUA afirmavam-se como referência de democracia liberal, de economia industrial e de incorporação das massas à produção e ao consumo.

OBJETIVOS

Geral

Pesquisar a circulação de ideias de origem anglo-americana na educação profissional, técnica e tecnológica no Brasil.

Específicos

- Identificar intelectuais mediadores que realizaram viagens culturais, científicas ou educacionais aos EUA e que tenham produzido mensagens com a finalidade de circular no Brasil ideias e práticas anglo-americanas;
- Examinar diferentes gêneros discursivos (cartas, entrevistas, artigos em jornais, pronunciamentos, relatórios, livros e outros) produzidos com a finalidade de circular no Brasil ideias e práticas anglo-americanas;
- Pesquisar instituições de educação para o trabalho no Brasil, que sejam originárias ou que tenham realizado apropriações pedagógicas nos EUA;
- Examinar práticas escolares implementadas a partir de acordos educacionais envolvendo Brasil e EUA, em especial no âmbito da educação profissional, técnica e tecnológica.

TEMAS E OBJETOS DE ESTUDO

O campo objetual desse projeto que focaliza a circulação de ideias anglo-americanas na EPT brasileira abrange um amplo leque de possibilidades para pesquisas: legislação, instituições educativas, intelectuais mediadores e gêneros discursivos, formação de professores, práticas escolares, entre outros, no âmbito da educação para o trabalho e que sejam resultantes de contatos culturais com os EUA.

De modo prioritário, o principal foco temporal é nas décadas de 1930 a 1950. Essa delimitação é decorrente dos acontecimentos que envolvem intensificação da presença econômica e cultural dos EUA no Brasil. É nesse período que o Brasil se configura como uma sociedade capitalista, industrial, urbana e de massas.

Esse período de 1930 a 1950 foi denso na história da educação profissional porque foi nele que aconteceram mudanças institucionais significativas e redefinições de seu público, dos critérios de seleção, dos objetivos e dos métodos de ensino: tudo isso com impactos na formação dos professores de cultura técnica. Nesse período entraram em cena o mercado e a indústria e, com isso, a educação profissional, até então praticada em escala artesanal e principalmente em instituições locais e de caráter filantrópico e religioso, passou a ser constituída e instituída como sistemas nacionais e em

ampla escala. De 1942 em diante, com a criação do Senai, do Senac e das escolas técnicas, a educação profissional foi ao nível secundário, seu público passou a ser de jovens e adultos, a psicotécnica tornou-se referência para identificação de aptidões, os objetivos tornaram-se para o mercado, a meta passou a ser formação do trabalhador urbano e a instrução deixou de ser apenas para a moral do trabalho e ganhou o predomínio da técnica.

Por ser um período de definição e execução de políticas e programas de larga escala e mobilização de amplos recursos, os anos 1930 a 1950 foram também de intensas disputas em torno de concepções, projetos e práticas. Nesse período de 1930 a 1950 houve movimentações dentro e fora do governo. Movimentações que resultaram em comissões de trabalho, mudanças na legislação educacional, mudanças institucionais e em suas práticas educativas. Nesse processo participaram intelectuais de diferentes origens sociais, campos de interesse, formações e identidades ideológicas. Todo esse repertório de possibilidades é que constitui o campo objeto desse programa de pesquisas.

INTEGRANTES

Docentes internos e externos:	Maria Isabel Viana Rio de Carvalho (CEFET-MG)
Egressos do PPGET:	Fernanda Godinho Souza Aguiar (CEFET-MG) Naiara Teixeira Ramos (Escola Municipal Dona Hermínia Corgozinho)
Técnicos:	
Alunos da EPTNM:	
Alunos da Graduação:	
Mestrandos:	Alessandra Souza Fernandez Hernandez (20215011311) Camila Cristina Damasceno Barbosa Carneiro (20215007874) Eudasio Cavalcante Melo (20205000163)
Doutorandos:	Reisla Suelen de Oliveira Silva (Universidade de Lisboa/Porto)

INFRAESTRUTURA DISPONÍVEL E RECURSOS NECESSÁRIOS

O projeto tem como base o Campus de Divinópolis, do CEFET-MG, onde tem à sua disposição a sala do Laboratório LAPED, equipada com ambientes individuais de estudos, espaço para reunião, notebooks, câmeras de vídeo, gravadores de áudio, impressoras e uma pequena biblioteca especializada.

PRODUÇÕES INTELECTUAIS BIBLIOGRÁFICAS

Esse programa de pesquisas tem ancoragem em dois grupos que cumprem a finalidade, dentre outras, de realização de estudos visando à fundamentação teórica e metodológica. Um grupo é denominado Narrativas e Apropriações do Anglo-americanismo no Brasil-NAAAB (dgp.cnpq.br/dgp/espelhogrupo/5540828578562076). Outro grupo é denominado Grupo de Estudos e Pesquisas em História e Historiografia da Educação Profissional – GEPHHEP (dgp.cnpq.br/dgp/espelhogrupo/5503755387733511)

Esse foco em pesquisas sobre a história da educação profissional brasileira, em especial nas décadas de 1930 a 1950, vem sendo adotado desde o ano de 2008. Desde então já foram executados projetos de pesquisa e produzidas dissertações. Parte dos relatórios gerados e dos progressos já realizados no conhecimento do campo objeto delineado já foram publicado em revistas, capítulos de livros ou anais de eventos.

Algumas das publicações disponíveis para consulta na web são listadas a seguir.

Pedrosa, José Geraldo. *A atuação de Robert Auguste Edmond Mange (1885–1955) na constituição e na instituição do novo ensino industrial brasileiro nos anos 1930 e 1940*. Disponível em:

<https://periodicos.cefetmg.br/index.php/revista-et/article/view/612>

PEDROSA, José Geraldo. PEREIRA, Fábio Vasconcelos Lima. *A obsolescência planejada e a influência do modo de vida americano baseado na superprodução e no desperdício: a atualidade da obra sexagenária de Vance Packard*. Disponível em: <https://revistas.utfpr.edu.br/rts/article/view/2635>

PEDROSA, José Geraldo. SILVA, Reislá Suelen Oliveira. *As viagens pedagógicas do jovem Anísio Teixeira à Europa (1925) e aos Estados Unidos da América (1927) e*

sua inclinação definitiva para a educação pública. Disponível em:

https://www.researchgate.net/publication/343859003_As_viagens_pedagogicas_do_jovem_Anisio_Teixeira_a_Europa_1925_e_Estados_Unidos_da_America_1927_e_sua_inclinacao_definitiva_para_a_educacao_publica

PEDROSA, José Geraldo. *A educação profissional brasileira dos anos 1920 aos 1950 na perspectiva de Francisco Montojos*. Disponível em:

https://www.researchgate.net/publication/350985176_educacao_profissional_brasileira_dos_anos_1920_aos_1950_na_escrita_de_Francisco_Montojos_1900-1981

PEDROSA, José Geraldo. *Americanismo e industrialismo nos primórdios da república brasileira: o pensamento de Roberto Cochrane Simonsen sobre o trabalho moderno*. Disponível em:

<https://periodicos.ufrn.br/histela/article/view/26851>

PEDROSA, José Geraldo. BIÃO, Fernanda Leite. *A circulação da psicologia anglo-americana na formação de professores para a educação profissional brasileira (1946-1963)*. Disponível em:

<https://revistacontemporaneos.com.br/a-circulacao-da-psicologia-anglo-americana-na-formacao-de-professores-para-a-educacao-profissional-brasileira-1946-1936/>

PEDROSA, José Geraldo. DUENHAS, Flávia Oliveira. Ramos, Nívea Maria Teixeira. *A educação profissional brasileira nos anos 1930 a 1950: Lourenço Filho e a aprendizagem comercial*. Disponível em: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/topicoseducacionais/article/view/252458>

PEDROSA, José Geraldo. DUENHAS, Flávia Oliveira. *A presença de Lourenço Filho na educação profissional brasileira dos anos 1950: trabalhos manuais e psicologia da aprendizagem*. Disponível em: <http://periodicos.jf.ifsudestemg.edu.br/multiverso/article/view/348>

PEDROSA, José Geraldo. Viana, Maria Isabel Rio de Carvalho. *Anísio Teixeira e Richard Morse: triangulações inversas entre iberismo, brasil e anglo-americanismo*. Disponível em:

https://www.researchgate.net/publication/362356315_Anisio_Teixeira_e_Richard_Morse_Triangulacoes_inversas_entre_Iberismo_Brasil_e_Anglo-Americanismo

PEDROSA, José Geraldo. ROMANINI, Renata Oliveira. *O SENAC e a formação de comerciários no Estado de São Paulo: a experiência da Universidade do Ar (1947–1961)*. Disponível em:

<https://www2.ifrn.edu.br/ojs/index.php/RBEPT/article/view/13209>

PEDROSA, José Geraldo. DUENHAS, Flávia Oliveira. Ramos, Nívea Maria Teixeira. *Estatuto e saberes da docência na educação profissional: questões inaugurais dos anos 1940*.

https://www.academia.edu/87107450/Estatuto_e_saberes_da_doc%C3%Aancia_na_educac%C3%A3o_profissional_quest%C3%B5es_inaugurais_dos_anos_1940

PEDROSA, José Geraldo. BITTENCOURT JÚNIOR, Nilton Ferreira. *Americanismo e educação para o trabalho no Brasil: os Ginásios Polivalentes (1971-1974)*. Disponível em:

<https://periodicos.ufmg.br/index.php/trabedu/article/view/9408>

PEDROSA, José Geraldo. SANTOS, Oldair Glatson. *A presença de Francisco Montojos na constituição do novo ensino industrial brasileiro (1934-1942)*. Disponível em:
<https://periodicos.cefetmg.br/index.php/revista-et/search/authors/view?firstName=Jos%C3%A9&middleName=Geraldo&lastName=Pedrosa&affiliation=&country=BR>

PEDROSA, José Geraldo. SANTOS, Oldair Glatson. *Agentes do ensino industrial no Brasil (1920-30-40) e suas referências internacionais: europeísmo e americanismo*. Disponível em:
https://www.academia.edu/en/52525372/Agentes_Do_Ensino_Industrial_No_Brasil_1920_30_40_e_Suas_Refer%C3%A2ncias_Internacionais_Europe%C3%ADsmo_e_Americanismo

PEDROSA, José Geraldo. SILVA, Reislá Suelen Oliveira. *Representações do jovem Anísio Teixeira sobre a Europa e suas escolas (1925)*. Disponível em:
https://www.academia.edu/en/52525372/Agentes_Do_Ensino_Industrial_No_Brasil_1920_30_40_e_Suas_Refer%C3%A2ncias_Internacionais_Europe%C3%ADsmo_e_Americanismo

PRODUÇÕES INTELECTUAIS TÉCNICAS

Não houve indicação de produções técnicas

PREVISÃO DE PUBLICAÇÕES PARA 2023/2024

Estão em fase de elaboração e escrita cinco artigos vinculados ao projeto. Três artigos estão vinculados a uma dissertação já defendida e duas em fase de coleta e escrita. Os três focalizam intelectuais que atuaram na Educação Profissional e Técnica na primeira metade do século XX: Fernando de Azevedo, Antônio Carneiro Leão e Ítalo Bologna. Um artigo é um balanço da EPT como um subcampo da educação. Outro artigo é uma análise do Isiccurso sobre as 20 grandes metas do PNE 2014/2024. A previsão é de que esses artigos sejam concluídos e publicados até o final de 2024.

IMPACTOS INTERNOS E EXTERNOS ESPERADOS

O campo de conhecimento ao qual o projeto está vinculado é a história da educação profissional, técnica e tecnológica. Além da publicação científica os conhecimentos produzidos têm sido apresentados em eventos de instituições da Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica. Esses eventos estão inseridos nas “semanas pedagógicas” ou em encontros voltados para a formação de professores.

Ações de Extensão

Conferências, oficinas no âmbito do CEFET-MG e de outras instituições da RFEPT.

PARCERIAS INTERNAS, EXTERNAS E COOPERAÇÕES INTERINSTITUCIONAIS

O projeto ainda não conta com parcerias.

FINANCIAMENTO

O projeto ainda não conta com financiamento de agências externas.

PROJETOS DE PESQUISA DOS ALUNOS RELACIONADOS

- Atuação e ideias do engenheiro Ítalo Bologna sobre o ensino industrial brasileiro (1930 A 1950). (Camila Cristina Damasceno Barbosa Carneiro)
- A educação técnica e profissional na escrita de Antônio Carneiro Leão, de 1910 à 1930. (Eudásio Cavalcante Melo)

- Fundação de Ensino de Contagem: história de uma instituição municipal de educação profissional técnica de nível médio. (Alessandra Souza Fernandez Hernandez)
- Apropriações do método educativo de Jean Ovide Decroly em Portugal e no Brasil (1920-1960): análise de manuais pedagógicos e de revistas de educação. (Reisla Suelen Oliveira Silva. Universidade de Lisboa.)

Dissertações defendidas

- AGUIAR, Fernanda G. De Souza. A EDUCAÇÃO PROFISSIONAL ABORDADA EM ESCRITOS DE FERNANDO DE AZEVEDO (1894-1974). Belo Horizonte: CEFET-MG, 2021. Mestrado.
- RAMOS, Naiara. A EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TÉCNICA E A ANGLO-AMERICANIDADE NOS ESCRITOS DE ANÍSIO TEIXEIRA DO PERÍODO DE 1951 A 1971. Belo Horizonte: CEFET-MG, 2021. Mestrado.
- RAMOS, Nívea Maria Teixeira. PENSADORES DO ENSINO INDUSTRIAL NO BRASIL: atuação e ideias de Francisco Montojos no período de 1927 a 1949. Belo Horizonte: CEFET-MG, 2019. Mestrado.
- SANTOS, Sandra Lúcia. ESCRITOS DE ANÍSIO TEIXEIRA NO PERÍODO DE 1929 A 1951: leituras da anglo-americanidade a partir das viagens à Europa (1925) e Estados Unidos da América (1927 a 1929). Belo Horizonte: CEFET-MG, 2016. Mestrado.
- AMARAL, Celina Pedrina Siqueira. JOAQUIM FARIA GÓES FILHO E O ENSINO TÉCNICO SECUNDÁRIO NA DÉCADA DE 1930: concepções e estratégias. Belo Horizonte: CEFET-MG, 2016. Mestrado.
- DUENHAS, Flávia Oliveira. PSICOLOGIA DA APRENDIZAGEM E EDUCAÇÃO PROFISSIONAL NO BRASIL (1940-1950): estudo dos escritos de Lourenço Filho sobre a aprendizagem profissional. Belo Horizonte: CEFET-MG, 2016. Mestrado.
- SILVA, Reisla Suelen de Oliveira. REPRESENTAÇÕES SOBRE EUROPA E AMÉRICA E SUAS ESCOLAS: comparação entre os escritos de viagens do jovem Anísio Teixeira (1925-1927). Belo Horizonte: CEFET-MG, 2016. Mestrado.
- FERREIRA, Iara. TEMPOS AMERICANOS: representações de Charles Chaplin sobre trabalho industrial e americanidade no filme. Belo Horizonte: CEFET-MG, 2016. Mestrado.
- SILVA, Maxwell Ferreira da. INDÚSTRIA, TRABALHO E ENSINO INDUSTRIAL NO PENSAMENTO DE ROBERTO COCHRANE SIMONSEN: a presença do americanismo. Belo Horizonte: CEFET-MG, 2015. Mestrado.
- BIÃO, Fernanda Leite. Do lado de cá do Atlântico: a presença da psicologia americana na formação de professores no ensino industrial brasileiro (1946-1962). Belo Horizonte: CEFET-MG, 2014. Mestrado.
- CARVALHO, Darlene Olinda. EDUCAÇÃO ESCOLAR E AMERICANISMO EM ESCRITOS DE 1927 E 1934 DE ANÍSIO TEIXEIRA. Belo Horizonte: CEFET-MG, 2014. Mestrado.
- BITTENCOURT JR, Nilton Ferreira. AMERICANISMO E EDUCAÇÃO PARA O TRABALHO NO BRASIL: UM ESTUDO SOBRE OS GINÁSIOS POLIVALENTES (1971-1974). Belo Horizonte: CEFET-MG, 2013. Mestrado.
- ROMANINI, Renata Cristine. RÁDIO E EDUCAÇÃO PROFISSIONAL A DISTÂNCIA: a experiência da Universidade do Ar (1947-1961). Belo Horizonte: CEFET-MG, 2013. Mestrado.
- SANTOS, Oldair Glatson dos. AMERICANISMO E EDUCAÇÃO PROFISSIONAL: A IMPLANTAÇÃO DO SISTEMA DE ENSINO TÉCNICO INDUSTRIAL NA DÉCADA DE 1940. Belo

Horizonte: CEFET-MG, 2012. Mestrado.

- SOUZA, Leandro Alves de. Ensino industrial e americanismo: estudo sobre a instituição do SENAI-MG na década de 1940. Belo Horizonte: CEFET-MG, 2012. Mestrado.

PRINCIPAIS REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FICHOU, Jean-Pierre. *A civilização americana*. Campinas: Papirus, 1990.

GOMES, A. D. C.; HANSEN, P. S. (Org.). *Intelectuais mediadores: práticas culturais e ação política*. 1 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016.

MOOG, Vianna. *Bandeirantes e pioneiros: paralelo entre duas culturas*. Rio de Janeiro: Graphia, 2000.

LOBATO, Monteiro. *América: os Estados Unidos de 1929*. São Paulo: Brasiliense, 1950.

SIRINELLI, J. F. Os intelectuais, In REMOND, René. *Por uma história política*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2003.

TOCQUEVILLE, A. *A democracia na América: lei e costumes*. De certas leis e certos costumes políticos que foram naturalmente sugeridos aos americanos por seu estado social democrático. Livro I. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

WARDE, M. J. Americanismo e educação: um ensaio no espelho. *São Paulo em perspectiva*, São Paulo, v.14, n. 2, p. 16, 2000.

ACOMPANHAMENTO

- Projeto atualizado na Plataforma Lattes pelo docente? (X) Sim () Não
- Projeto atualizado na Plataforma Sucupira pela Coordenação? (X) Sim () Não
- Projeto atualizado na página eletrônica do PPGET? (X) Sim () Não
- Projeto atualizado no SIGAA pelo docente? () Sim (X) Não